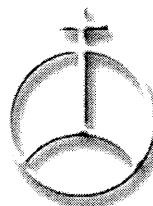


VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 7



PORTO ALEGRE
2006

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Regina Zilberman, PUCRS,
rzilberman@pucrs.br

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra,
c.a.reis@mail.telepac.pt

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela,
fgtorres@usc.es

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, PUCRS,
mgbordini@pucrs.br

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pelas *homepages* da AIL:
www.lusitanistasail.net; www.pucrs.br/ail
Informações pelo *e-mail*:
lusitanistasail@terra.com.br

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 7 - Dezembro de 2006

Diretor:

Regina Zilberman

Diretor Executivo:

Benjamin Abdala Junior

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebello; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: ailusit@ci.uc.pt

Realização:

Coordenação: Helder Macedo; Regina Zilberman

Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet

Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

EDIPUCRS, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

EDITORIAL 07

APRESENTAÇÃO 09

ÁFRICA

ANA MARGARIDA FONSECA

Desafios da mestiçagem: o realismo mágico em questão 13

JOSÉ PIRES LARANJEIRA

Mulheres que escrevem: Noémia, Alda, Conceição, Chiziane .. 31

MARIA MANUELA JALES C. DE ARAÚJO

Francisco José Tenreiro e Noémia de Sousa: um diálogo com
as vozes negro-americanas de Harlem 41

MARIA NAZARETH SOARES FONSECA

Coreografias da escrita literária: diálogos e modulações 53

PETAR PETROV

Intertextualidade e criação literária: Guimarães Rosa,
Luandino Vieira e Mia Couto 67

ANGOLA

CARMEN LUCIA TINDÓ RIBEIRO SECCO

A poesia angolana pós-independência: tendências e impasses .. 83

ELIZABETH R. Z. BROSE

A Gloriosa Família: transtextualidade e tradução 101

LAURA CAVALCANTE PADILHA

O movimento programático do anticolonial no âmbito da
literatura angolana 117

CABO VERDE

BENILDE JUSTO CANIATO
Cabo Verde: a fome em sua literatura 131

BENJAMIN ABDALA JUNIOR
Globalização, cultura e identidade em Orlanda Amarilis 145

JANE TUTIKIAN
Germano Almeida, tradutor de uma nova realidade 161

MOÇAMBIQUE

J. D. COSME
Moçambicanidade vs. africanidade: a construção de
nacionalidades literárias nos mundos anglófono e lusófono 177

MARIA APARECIDA SANTILLI
Maravilhas do conto fantástico de Mia Couto 193

MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS
O eu possível na dança do amor: *Niketche*, uma história de
poligamia 207

RITA CHAVES E TÂNIA MACEDO
Entrevista com Mia Couto 219

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

INOCÊNCIA MATA
A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das
ruminações afetivas 235

RUSSELL G. HAMILTON
A dolorosa raiz do micondó: a voz poética intimista, são-
tomense, pan-africanista e globalista de Conceição Lima 253

OS AUTORES 267

EDITORIAL

Os estudos das produções literárias à margem do sistema hegemônico têm sido matizados pelo conceito de diferença. Situam-se, na óptica de uma crítica mais tradicionalista, não apenas como literaturas diferentes, mas com fronteiras rígidas. Se essa qualificação pode ser eventualmente interessante, quando se tem em vista respeitar a alteridade, por outro, ela pode ser problemática, implicando encerrar talas literaturas em delimitações fechadas, isolando-as do contexto mais geral, com o qual efetivamente elas se imbracam. Por outro lado, as diferenças, para quem se posiciona nos centros de poder simbólico, são sempre atribuídas à periferia do sistema. Diferentes são as outras literaturas, nunca as centrais. É uma inclinação do pensamento, análoga à rotulação do étnico. Étnicos, isto é, negros, hispânicos etc. são os outros, nunca os próprios. Os próprios são portadores dos padrões etnocêntricos de excelência, reunindo as purezas de Ariel; os outros são os mestiços afins de um Caliban, para nos valer de uma das muitas leituras dessas personagens de Shakespeare.

Em confluência com essas formas de catalogação está a tendência à guetização da diferença. Democracia, neste caso, procura ser rimada com exclusão, o que é uma impossibilidade, como alguns dos ensaios deste número de *Veredas* permitem inferir. São aqui focalizadas criticamente as literaturas africanas de língua oficial portuguesa. Literaturas híbridas, de múltiplas fronteiras, como poderá ser observado. Literaturas compósitas, em que se mesclam várias tradições, a partir do solo e do pensamento de cada uma das nações africanas. Ao contrário dos essencialismos étnicos, que podem levar à guetização, são literaturas que se mostram com fronteiras de múltiplas articulações. Além das fronteiras internas, onde interagem múltiplas culturas, há as externas que se manifestam em cada país. Relevem-se, nesse sentido, nas fronteiras africanas, aquelas que apontam para os países africanos da mesma comunidade lingüística. E comunitário se alarga para o Brasil e Portugal, por onde circulam cada vez mais as produções africanas.

Embora as literaturas africanas em língua portuguesa estejam estreitamente ligadas à consolidação do Estado-Nação – seu estatuto independente é fato historicamente recente –, elas não se limitam à construção de passados míticos. Isto é, ao procurarem o que neles é singular, suas diferenças, distanciam-se da construção de identidades circunscritas ao mítico. Melhor, por serem híbridas, fazem da mescla cultural que veio da experiência histórica um fator de produtividade artística e de inserção supranacional. E da mesma forma que os africanos podem descontar, nas literaturas do Brasil e de Portugal, facetas do comunitarismo cultural que os envolvem, também brasileiros e portugueses têm evidenciados, nessas literaturas, traços que os identificam com os africanos. Há uma experiência histórica comum que envolve essa comunidade lingüístico-cultural, que o texto literário nela produzido pode relevar, além – é evidente – dos valores mais gerais que são próprios da literatura.

A Direção da Revista

APRESENTAÇÃO

A avalanche de transformações em todos os campos, que marcou o século XX, transformações de barreiras econômicas, políticas, sociais e culturais, a “falência das utopias”, o avanço das comunicações, a mundialização do capitalismo, acentuando desigualdades, inferiorizações e exclusões, trouxe, também, o interesse pelas chamadas literaturas terceiro-mundistas no primeiro mundo. Questões como pós-colonialismo, nacionalismo, identidade e alteridade terminam ocupando significativo espaço em textos nacionais, ficcionais ou não.

Aí, as literaturas africanas de língua portuguesa debruçam-se sobre a repensagem de sua história, imediata ou não, através de bordagens estéticas muito particulares na produção de uma memória histórica. Rompe-se com o oficial, o fixo e o codificado, e abre-se o leque das plurissignificações e do dialogismo. O texto, resguardado o poder encantatório, se inscreve no real, projetando-se na direção do documento e da reflexão.

Nesse sentido, a África se desvela, diante do Ocidente, através da sua literatura, com seus problemas reais, contrariando o exotismo e o misterioso, colocando na mesa o debate sobre o pós-colonialismo, que está no cerne do debate sobre a identidade contemporânea. É justamente a visão crítica desse universo que a Revista *Veredas*, em seu sétimo número oferece aos seus leitores.

A Revista foi dividida em seções. A primeira delas é *África*. Aí, Ana Margarida Fonseca reflete sobre a importância e as funções assumidas pelo maravilhoso ou mágico em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, e *A geração da utopia*, de Pepetela, integrando esta questão no debate acerca da hibridização ou mestiçagem nos espaços pós-coloniais. Pires Laranjeira, por sua vez, mostra que as mulheres africanas começaram a escrever e a publicar quando se atingiu uma consciência nacionalista que permitiu a aspiração à criação de um movimento cultural independentista sustentado num projeto de igual teor político independentista, emparcicirando com os ho-

mens-escritores; entretanto, na literatura, elas continuam minoria. Maria Manuela Jales C. de Araújo coloca em evidência o diálogo entre o são-tomense Francisco José Tenreiro e a moçambicana Noémia Sousa com as vozes negro-americanas de Harlem. Maria Nazareth Soares Fonseca aponta para o fato de que muitos textos das literaturas africanas de língua portuguesa, ao evidenciarem a consciência de pertencimento a espaços significados por larga tradição oral, optam por uma elaboração literária voltada para as tradições coletivas de canto, dança e de relações que revelam um contato mais intenso com o corpo, compondo diferentes escritas. Ainda dentro dessa seção, Petar Petrov analisa o projeto literário de Guimarães Rosa, relacionado com a especificidade da estória, e sua repercussão em tendências artísticas assumidas por outros autores de língua portuguesa, notadamente Luandino Vieira e Mia Couto.

Na seção denominada *Angola*, Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco reflete sobre a poética produzida pelas e a partir das Brigadas, quando se rompe com o tom épico dos poemas de combate que dominaram a cena literária entre 1960 e 1975, abraçando um viés lírico e uma reflexão profunda acerca de questões humanas e literárias. Elisabeth R. Z. Brose estuda o narrador de Pepetela, em *A gloriosa família*, mostrando-o como um tradutor de culturas, sujeito da fronteira, da negociação cultural entre diversos povos. Laura Cavalcante Padilha levanta subsídios que permitem uma abordagem mais sistematizada sobre o movimento programático surgido, em Angola, na segunda metade dos anos 40 do século XX (entre 1948 e 1975), chamado, pela crítica, de *literatura anticolonial*.

Cabo Verde é re-visitado por Benilde Justo Caniato, que revela, através da trajetória da fome, como, literariamente, Cabo Verde evoluiu do condicionalismo colonial das primeiras décadas do século XX para um estado de conscientização, em que a verdade histórica do Arquipélago passa a ser registrada. Benjamin Abdala Junior analisa a obra da escritora Orlanda Amarilis, demonstrando como, em meio ao individualismo e à indiferença que marca nosso tempo, ela recoloca o homem no centro de suas preocupações, resgatando a memória cultural de seu povo. Jane Tutikian investiga *Meu poeta* e *Eva* sob o prisma da re-leitura, pela ficção, da História pós-colonial, apontando nesta confluência, a partir da própria con-

fluência de espaço e de tempo, de diferenças culturais, inclusões e exclusões, colaborações e contestações, a forma como a identidade nacional (política e cultural) ganha outra face. São os novos signos os que Germano Almeida busca traduzir.

A seção que trata de *Moçambique* toma a atenção de J. A. D. Cosme, que compara os universos críticos da África anglófona e de Moçambique, através da análise de alguns discursos dominantes, problematizando, a partir daí, conceitos de africanidade e moçambicanidade, como de qualquer valor nacional. Maria Luiza Ritzel Remédios, por sua vez, em “O eu possível na dança do amor: *Niketche*, uma história de poligamia”, coloca em evidência como, com Rami, desvela-se um país que oscila entre tradição/modernidade, territorialidades codificadas e as desterritorializações submetidas aos fluxos exteriores; entre o homem a quem a sociedade tudo permite e a mulher humilhada, mas que, em nome do amor, é capaz de se reerguer. Maria Aparecida Santilli investiga o fantástico como elemento estético e social na narrativa curta do escritor moçambicano Mia Couto, e Rita Chaves e Tânia Macedo trazem uma instigante entrevista com o escritor moçambicano.

Na última seção, *São Tomé e Príncipe*, tanto Inocência Mata quanto Russell Hamilton voltam-se para a obra de Conceição Lima. Inocência Mata desbrava o lirismo e a intensidade épica, na obra da poetisa, para resgatar daí o seu significado de pertença e de identidade; Russell Hamilton sublinha aspectos relevantes da forma, do conteúdo e do contexto sociohistórico, para colocá-la entre os poetas mais importantes não só de São Tomé e Príncipe, mas também dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, da Comunidade de Países de Língua Portuguesa e do mundo global.

Assim, a Revista *Veredas*, neste número, abrigando a multiplicidade de idéias e discursos, oferece aos leitores textos de indubitável qualidade, procurando mostrar a África pela África, por sua literatura, o que é fundamental nestes tempos em que a nossa identidade se redefine como multiracial e multicultural.

Jane Tutikian
Organizadora



ANGOLA

A poesia angolana pós-independência: tendências e impasses

CARMEN LUCIA TINDÓ RIBEIRO SECCO

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Os anos logo a seguir à Independência de Angola foram, de um modo geral, de regozijo e euforia com a liberdade conquistada. O sonho se realizara e a certeza da pátria a ser reconstruída animava grande parte do povo angolano. Até meados de 1985, essa predisposição utópica, até certo ponto, persistiu, refletindo-se, inclusive, num movimento literário novo que se alastrou, com força e entusiasmo, por quase todo o país, principalmente entre os anos de 1980 e 1988: as Brigadas Jovens de Literatura¹. Surgiu em Luanda, em 5 de julho de 1980, a Brigada Jovem de Literatura de Luanda – BJJ, fundada pelo poeta São Vicente, tendo-se constituído como uma homenagem ao poeta Agostinho Neto, falecido em setembro de 1979. Para saudar a memória do Presidente-Poeta, foram editados

¹ As informações sobre as Brigadas foram retiradas, principalmente, do livro *Meditando*, de Lopito Feijoó. Luanda: SOPOL; SARC, 1994; do prefácio de Kudijimbe à Antologia poética *Geografia mágica da Kianda*, coordenada por John Bella. Luanda: Brigada Jovem de Literatura de Angola, 2004; de depoimentos orais de poetas que pertenceram a estes movimentos, entre os quais Conceição Cristóvão, Fernando Kafukeno e Maria Bela da Graça Neto, entre outros.

por essa Brigada folhetos mimeografados intitulados “Aspiração” e “Caminho das Estrelas”, títulos estes inspirados em conhecidos poemas de Neto. Tais folhetos foram publicados, em agosto de 1981, na coleção *Lavra & Oficina*, da União dos Escritores Angolanos, números 33 e 34.

O movimento das Brigadas foi contagiante e espontâneo, tendo-se espalhado não apenas por diversas províncias angolanas (Luanda, Lubango, Huambo, Cabinda, Uíge e outras), mas também entre angolanos que se encontravam no exterior: em Cuba e na Rússia, por exemplo. Das Brigadas, três foram as mais representativas: a de Luanda; a do Lubango – da Huíla (fundada em 1982) –, cujas produções literárias e ensaísticas circularam no folheto “Hexágono”; e a do Huambo (criada em 1984), denominada “Brigada Jovem de Literatura Alda Lara”, cujos poemas e ensaios foram divulgados no folheto “Gênese”.

Funcionando como autênticas oficinas literárias, as Brigadas congregaram jovens poetas, mantendo viva e acesa a importância do constante e renovador processo do fazer poético. Tais centros literários serviram não só à discussão crítica e ao repensar dos ideais ideológicos legados por Agostinho Neto e pelas lutas em prol da independência, mas também ao exercício da liberdade de cada cidadão e ao desenvolvimento da pesquisa estética rumo à renovação da poesia angolana. A poética produzida pelas Brigadas se afastou do tom épico dos poemas de combate que dominaram a cena literária entre 1960 e 1975, abraçando um viés lírico e uma reflexão profunda acerca de questões humanas e literárias, na esteira da “poesia do ghetto” que, nos anos 1970, optou pelo exercício e refinamento da elaboração estética, em busca de metáforas dissonantes e surpreendentes. A contribuição dos poetas da geração-1970, entre os quais Ruy Duarte de Carvalho, David Mestre, entre outros, foi fundamental para o desenvolvimento não só da produção literária das Brigadas, como da poesia angolana mais jovem.

Não foi por acaso que grandes poetas hoje consagrados – entre os quais João Maimona, João Tala, Conceição Cristóvão, Fernando Kafukeno e muitos outros – saíram das Brigadas. E destas também emergiram representativos nomes em diversos campos: da Arte, da Política, da Economia, da Administração angolanas, entre outros.

A relevância das Brigadas foi percebida por muitos poetas e intelectuais angolanos mais velhos, entre os quais Uanhenga Xitu, António Jacinto, Boaventura Cardoso, Jorge Macedo. Esse movimento, em nossa opinião, é tão rico e fundamental para a formação e desenvolvimento da poesia angolana de hoje, quanto foi o da geração poética dos anos 1950.

No início das Brigadas Jovens, havia ainda uma certa visão utópica em relação à poesia, sendo esta concebida como arma de resistência e conscientização dos jovens, como instrumento de manutenção dos sonhos socialistas preconizados pela Revolução. Porém, após 1985, com o acirramento da guerra desencadeada entre a UNITA e o MPLA, e, especialmente na década de 1990, depois da queda do Muro de Berlim e da dissolução da antiga União Soviética, um tom melancólico passou a envolver a produção poética das Brigadas Jovens, havendo um clima de desencanto em razão do não cumprimento dos ideais prometidos pela Independência.

Os movimentos das Brigadas Jovens nas províncias, na primeira metade dos anos 1980, foram intensos e solicitavam apoio à Brigada de Luanda. Foi Elísio Costa o iniciador da luta por uma organização nacional das Brigadas, o que, só em 21 de novembro de 1987, se concretizou com a criação da Brigada Jovem de Literatura de Angola – BJLA, resultado da massiva presença reivindicatória de jovens das diversas Brigadas das províncias na Assembléia Nacional. O primeiro presidente da BJLA foi Conceição Cristóvão, cujo mandato se estendeu de 1987 a 1997, data em que foi sucedido por David Filho. Fundidas na BJLA, as Brigadas provinciais foram-se extinguindo enquanto movimentos individuais e se transformaram no brigadismo literário, que continua a congregar jovens poetas, discutindo procedimentos do fazer poético e publicando poemas dessa “novíssima poesia angolana” em antologias como, por exemplo: *O sabor pegadiço das impressões labiais*, coordenação de Akiz Neto (Huíla: BJLA, 2003) e *Geografia mágica da Kianda*, coordenação de John Bella (Luanda: BJLA, 2004).

Observamos que, do final dos anos 1980 até 2002, as disputas internas entre o MPLA e a UNITA esfacelaram, em grande parte, o crescimento econômico de Angola, destruindo bastante determinadas regiões do país. Nesse período, a poesia, tanto a das Briga-

das Jovens, como a de poetas não vinculados a esses movimentos, também se esgarçou, passando a se caracterizar por forte distopia em relação aos antigos sonhos libertários. A certeza revolucionária foi substituída pela instabilidade e pelas dúvidas.

No campo da linguagem, a poética pós-1985, de um modo geral, propôs a radicalização do projeto de recuperação da língua literária, aproveitada em suas virtualidades intrínsecas e universais, sem os regionalismos característicos da literatura dos anos 1950; erigiu a metaconsciência e o traço crítico como estratégias estéticas prioritárias, afastando-se completamente do panfletarismo ideológico freqüente nos anos 1960; elegeu a ironia e a paródia como artifícios literários de denúncia da corrupção e das contradições do poder. Dialogando com poetas de gerações anteriores, essa lírica buscou apontar para a crise das utopias, fundando um lirismo que cantava, prioritariamente, os sentimentos existenciais e procedeu a uma intensificação poética, através da depuração da linguagem literária que, em alguns casos, se manifestou por experimentalismos, por corporizações plásticas de palavras, por metáforas surrealistas, por jogos verbais que acentuaram a relação entre ética e estética.

Profunda melancolia recobre, desse modo, grande parte da poética angolana produzida entre 1985-2002 (que abarca tanto o movimento das Brigadas Jovens e o do Brigadismo Literário, como a poesia produzida fora desses movimentos). Transgressão, errância, desafio, eroticidade, metalinguagem e desconstrução são alguns dos vetores dessa “novíssima *poeisis*”² tecida por perplexidades e precariedades, heterogeneidades e heterodoxias.

A par da decepção frente a um social cheio de contradições, muitos poetas continuaram a escrever versos, a maioria dos quais funcionando como instâncias críticas de reflexão acerca dos sofrimentos do povo angolano. Foi, portanto, como resistência que a poesia sobreviveu, ora trilhando os caminhos da sátira e da paródia,

² Tomamos emprestada a expressão “novíssima poesia” angolana de Lopito Feijoó, que, em seu livro *Meditando* (textos de reflexão geral), 1994, p. 12, explica que, na década de 1970, pouco antes e após a Independência, os poetas David Mestre, Ruy Duarte de Carvalho, Arlindo Barbeitos, Jorge Macedo constituíram a chamada “geração silenciada”, cuja proposta estético-literária era bastante inovadora. Assim, Lopito considera essa geração a representante da nova poética angolana, enquanto que os poetas surgidos pós-1980 (e aí se incluem também as Brigadas) como a “novíssima poesia angolana”.

ora os da metalinguagem, do erotismo e do amor, ora o dos mitos e dos sonhos. Estes nutriram o sistema literário angolano e, nos tempos presentes, embora um tanto dilacerados, ainda constituem uma espécie de energia subterrânea que impulsiona a imaginação criadora, combatendo o imobilismo e a descaracterização cultural.

Arlindo Barbeitos – poeta surgido nos anos 1970, mas continuando a escrever até hoje – pode ser identificado como um “poeta dos sonhos”, pois é autor, entre tantas obras, de *Nzoji* – que significa sonho em quimbundo – e *Fiapo de sonhos*. Usando uma linguagem cortante e surreal, o poeta aponta para: “escuras nuvens grossas de outros céus vindas; entrançando-se por entre asas de pássaros canibais e chuva de feiticeiro em sopro de arco-íris dependurada”.³ Nesse poema, o sujeito poético confessa a desilusão por saber esgarçados os antigos sonhos que, no presente, se tornaram difíceis e quase impossíveis de se transformarem em realidade.

Luis Kandjimbo designou como “geração das incertezas” a poesia dos anos 80 e também a dos anos 90, cujos traços constantes são as temáticas da decepção e da angústia diante da situação de Angola frente à fome e miséria social. Essa poesia pós-1980 não vai, na maioria das vezes, se ater explicitamente às questões sociais. A inquirição não é apenas cognitiva, mas principalmente sensitiva, buscando apreender as paixões humanas em diferentes dimensões. Paula Tavares, José Luís Mendonça, João Melo, Eduardo Bonavena, António Gonçalves, Maria Amélia Dalomba, João Maimona, João Tala, Fernando Kafukeno, Lopito Feijoó, Luis Kandjimbo são, por exemplo, alguns desses poetas. Os cinco últimos citados pertencem a Brigadas Jovens de Literatura e / ou ao grupo *Ohandanji*,⁴ outro movimento representativo da “novíssima poesia angolana”.

Além das Brigadas e do grupo *Ohandanji*, em meados dos anos 1980, há que ressaltarmos o papel da revista *Archote*, cuja maior contribuição foi a de divulgar, como fizeram nos anos 1950 as revistas *Mensagem* e *Cultura*, uma literatura de qualidade. José Luis Mendonça, por exemplo, e outros, como Ana de Santana, publicaram aí alguns de seus textos. Em entrevista, José Luis Men-

³ BARBEITOS. In: FERREIRA, M. 1988. p.418.

⁴ Consultar FEIJOÓ, Lopito. *Meditando* (textos de reflexão geral). 1994. p. 26.

donça explica certas diferenças entre a produção das Brigadas Jovens e a de *Archote*:

As Brigadas sempre tiveram uma certa conotação política. Já o Archote foi uma pequena publicação de que só saíram dois ou três números, com literatura variada, boa literatura por sinal. Surgiu muito mais tarde do que as Brigadas. A diferença estava em que no Archote se podia publicar o que era considerado tabu pelo regime e havia o desejo de publicar literatura de qualidade.⁵

Para Maimona, poeta que fez parte da Brigada Jovem de Literatura do Huambo, a trajetória da liberdade foi obliterada pela corrupção e as utopias foram mutiladas. Por isso, ele questiona: “De quem são os desertos que anunciam lágrimas?”⁶

A poesia de João Maimona opta pelas trilhas da alegoria, operando com signos da ruína e da morte. Esqueletos enchem as mãos do poeta. São imagens metafóricas da fome e da guerra que ocuparam os espaços dos sonhos. Há, todavia, nesses poemas, a par do desencanto, da solidão, da dor, a procura de elementos cósmicos: o ar, o vento, as aves, as abelhas, alegóricas imagens do tecido tênu e aéreo da poesia.

José Luis Mendonça, autor de *Chuva novembrina*, 1981, livro de poemas galardoado com o prêmio de poesia “Sagrada Esperança – 1981” do concurso de literatura “Camarada Presidente”, é um dos grandes poetas da novíssima poesia angolana surgida após a Independência, embora não tenha sido membro de nenhuma das Brigadas Jovens de Literatura. Seus poemas produzidos entre os anos 1980 e 1990 apresentam uma visão noturna e melancólica, embora, também, trabalhem com a alegoria da aurora dos sonhos e do amanhecer da poesia:

A tempestade arrancou os ventos do meu peito
A pele do leão do meu coração faísca

⁵ MENDONÇA, José Luis. Entrevista. Disponível em http://www.uea-angola.org/destaque_entrevistas1.cfm?ID=550

⁶ MAIMONA, João. *Idade das palavras*. Luanda: INALD, 1997. p. 81.

Nos subúrbios da noite. De quem são estes sonhos perfilados no mural dos meus testículos?⁷

As imagens da “tempestade” e “subúrbios da noite” alegorizam a perda da imaginação frente ao anoitecer que se abate sobre o eu-poético, cujos sonhos, contudo, sob a forma de desejos, se guardam nos próprios testículos, local metaforicamente conotado que aponta para a reprodução, representando, por isso, uma forma de resistência.

Alguns poemas de Paula Tavares – grande poeta que também desponta logo após o 11 de novembro de 1975 e funda uma nova dicção para o discurso poético feminino em Angola – põem em cena, de modo contundente e alegórico, o universo de dor existente no contexto social angolano das guerras pós-Independência. O onirismo de seus versos é revelador dos absurdos do próprio real:

Um homem com o coração nas mãos
correu pela borda da noite
para oficiar as trevas
(...)
Perdeu a capacidade do gesto
(...)
as mãos já não são mãos
mas um tecido de veias
que pingam sangue no útero da floresta⁸

Paula Tavares é autora de livros como *Ritos de passagem*, *No lago da lua*, *Dizes-me coisas amargas como os frutos* e, mais recentemente, *Ex-votos*. Sua poética, embora surgida nos anos 1980, guarda muitas características comuns à poesia dos anos 1970, isto é, da geração de David Mestre e Ruy Duarte de Carvalho.

Outras vozes poéticas femininas também despontaram após 1980, como Ana de Santana, Lisa Castel, Maria Alexandre Dáskalos, Amélia Dalomba, Ana Branco, Maria Celestina Fernandes. Estas autoras não fizeram parte das Brigadas Jovens de Literatura, mas

⁷ MENDONÇA, José Luis. *Quero acordar a alba*. Luanda: INALD, 1997. p. 37.

⁸ TAVARES, 2001, p. 16-7.

existiu a participação feminina em algumas Brigadas, como a do Huambo (designada “Brigada Alda Lara”, em homenagem à grande poetisa representativa da “geração da utopia”), onde atuou, por exemplo, a poeta Maria Bela da Graça Neto. Houve, desse modo, no período logo após a Independência de Angola, uma significativa valorização do universo feminino, tendo ocorrido nessa poesia uma reivindicação do direito de a mulher ser correspondida, também, nos prazeres sexuais, podendo falar, sem preconceitos, da própria sexualidade. Mais recentemente, outras vozes de mulheres na poesia angolana se fizeram ouvir: Carla Queiroz, Leila dos Anjos, Chô do Guri, Cecília Ndanhakukua, Anny Pereira, Alice Palmira, Isabel Ferreira, entre outras.

Ao lado dessa significativa produção poética feminina, vários poetas homens continuam escrevendo. Lembro o nome de João Melo, que vem publicando desde os anos 1980, e, embora não tenha saído das Brigadas Jovens, tem sido atuante na consolidação da poesia contemporânea angolana. João Melo foi Secretário da União dos Escritores Angolanos, tendo organizado o *I Seminário da Literatura Angolana* em dezembro de 1997, onde se discutiram os rumos da literatura de Angola. O erotismo em sua poesia se faz arma de resistência para enfrentar medos e dores do passado e do presente povoados por fantasmas, pesadelos, gemidos. Poeta da paixão, elege o amor como forma de se manter vivo e de poder sonhar:

Estes fantasmas antigos
 Estas palavras
 Estes gemidos, selvagens
 eu os arranco de ti, amor⁹

Poetas como Lopito Feijoó e Frederico Ningi, cuja linguagem poética rompeu iconoclastamente com os cânones estéticos tradicionais, valendo-se de metáforas dissonantes, corporizações plásticas de palavras e experimentalismos visuais, assumiram claramente um viés poético paródico, transgressor e irreverente, através do qual denunciaram pesadelos sociais. Frederico Ningi opera, ironicamente, com uma poética que faz dialogarem palavras, ima-

⁹ MELO, J., 1989, p. 52.

gens e símbolos gráficos. Sua poesia é dissonante e agressiva. Muitos de seus poemas buscaram, por intermédio de alegorias surreais, alertar para o fato de que os sonhos e a esperança, em Angola, estavam morrendo sob as luzes de um poente desencantado. Também Lopito Feijoó construiu uma *poiesis* que se erigiu como crítica ao surreal e absurdo contexto de guerra em Angola. Conotações eróticas, entretanto, revelaram-se em seus poemas como frágeis possibilidades de não deixarem que os sonhos e os desejos viessem a morrer totalmente.

Lopito Feijoó, poeta e crítico literário, foi membro fundador da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL), tendo integrado também, com outros autores, o grupo *Ohandanji*,¹⁰ cuja proposta central foi a de contribuir para a consolidação e renovação de uma arte literária nacional baseada em estruturas próprias que partissem da tradição oral, da mitologia, do fabulário e de línguas existentes no continente africano. A participação de Lopito como crítico literário tem sido muito importante para uma reflexão mais profunda a cerca da poesia angolana contemporânea.

Herdeira de conquistas anteriores, como, por exemplo, a do trabalho de intensificação lingüística e estética que caracterizou a poética dos anos 1970, encontramos, no panorama dos anos 1990 e

¹⁰ O grupo literário *Ohandanji* foi criado em 1984 por jovens poetas angolanos, entre os quais: Luís Kandjimbo, Lopito Feijoó, Antônio Panguila, Joca Paixão, Domingos Ginginha; propunha uma poesia angolana profundamente elaborada a partir das tradições ancestrais africanas. Segundo Lopito Feijoó, *ohandanji* “é uma palavra que, do ponto de vista fonético, parece um termo de uma língua nacional – mas não o é. É a junção de duas palavras – uma palavra do quimbundo e uma palavra do umbundo –, e nós fizemos isto para marcar a dimensão espacial que nós queríamos dar ao nosso trabalho. (...) Têm o mesmo significado. Em quimbundo, é uma pedra que, regra geral, aparece ao lado dos rios; há sempre grandes pedras nas quais as mulheres lavam a roupa, dão banho aos filhos, lavam louça, pisam fuba, milho. É uma pedra com várias utilidades. Em umbundo, esta pedra chama-se ‘ohanda’; em quimbundo ‘dandji’ e refere-se à aproximação do rio.” (LABAN, Michel. *Encontro com escritores – Angola*, 1991. p. 872. v. 2.). No dicionário de Cordeiro da Matta, descobrimos que *ndanji* significa “raiz”. Consideramos tal significação sugestiva, tendo em vista o fato de a proposta principal de *Ohandanji*, enquanto grupo literário, ter sido a de produzir uma poesia inteiramente vinculada às tradições orais africanas, aos mitos e à recuperação do imaginário cultural angolano. Cruzando a explicação de Lopito Feijoó, com o sentido de *ndanji* dado por Cordeiro da Matta, chegamos à seguinte interpretação: “ohanda” ou “dandji” – isto é, a pedra à beira-rio, onde transcorria o cotidiano das mulheres umbundas e quimbundas – funciona, associada também ao vocábulo quimbundo “*ndanji*” (=raiz), como metáfora da busca profunda das raízes ancestrais de Angola.

2000, a poética de Fernando Kafukeno, outro poeta também oriundo da Brigada Jovem de Literatura de Luanda. Seu lirismo exacerba o exercício do aproveitamento das potencialidades da língua, primando, entretanto, por uma economia capaz de desbastar o verbo poético de excessos e, através de uma contundência visual, denunciar uma Angola em que os sentidos e os sonhos foram amputados:

hoje o crepúsculo convidou-me a estar presente
nas missas da aurora uma aurora minguada nos
blindados da minha memória.¹¹

Embora este poema fale do crepúsculo, outro traço se faz recorrente na *poiesis* de Kafukeno: o erotismo sensorial que transforma seus versos em viagem de reflexão e desejo de novas auroras. Estas metaforizam a sobrevivência do prazer poético e da memória identitária.

A imagem da *aurora minguada*, metáfora da imaginação poética, demonstra que, a par das decepções vivenciadas, o caminho do sonho, isto é, da poesia, ainda é possível. Em grande parte da produção poética dos anos 1990, depreendemos uma constante: a de que os sonhos foram adiados em razão da catastrófica realidade de guerra do país. Conceição Cristóvão, por exemplo, evidencia isso no poema “Apocalipse II”:

sonho e realidade adiados
da criança é tênue sorriso
precocemente envelhecido¹²

Embora suspensos, observamos que os sonhos não desapareceram totalmente de Angola; vemos que a literatura e as artes, em geral, se apresentam como locais privilegiados das utopias ainda existentes no imaginário cultural angolano. É recorrente, entre os representantes da poesia angolana pós-1985, a imagem dos pássaros. O poeta Ricardo Manuel, por exemplo, adverte para o perigo da liberdade através da metáfora das *asas cortadas*:

¹¹ KAFUKENO, 2000, p. 52.

¹² CRISTÓVÃO, Conceição, 1996, p. 15.

gaivotas de asas cortadas e
castelos desmoronados à espera
da consumação do amor
é o que nós somos¹³

Sonho, amor e erotismo são temas freqüentes nesse período da poesia angolana, funcionando como espécie de antídoto ao desencanto reinante em Angola. Antonio Panguila, entre outros, apresenta em vários de seus poemas uma linguagem prenhe de metáforas eróticas.

no útero do verde
a puberdade da minh' alma
rima com a menstruação dos sonhos
nas margens daquela sombra¹⁴

Há nos poemas de Panguila, apesar do contexto social melancólico em que se insere sua poesia, um viés erótico de certo modo utópico, pois existe uma crença no futuro:

percorri as tetas do sol
à procura de leite
par'amamentar o futuro¹⁵

A poesia pós-1985 oscila, desse modo, entre o sonho e a solidão, entre a esperança de futuro e a descrença no presente, entre a fartura dos antigos ideais e a secura das palavras, vivendo na própria terra angolana um “quase exílio”:

seca a palavra
embrutecido o ideal
seca de tempo
nada há por agitar¹⁶

¹³ MANUEL, Ricardo, 1998, p. 29.

¹⁴ PANGUILA, A. *O vento do parto*, 1993, p. 18.

¹⁵ PANGUILA, A. *O vento do parto*, 1993, p. 28.

¹⁶ FERREIRA, Carlos, 2003, p. 55.

Na poesia de John Bella, jovem poeta membro da Brigada Jovem de Literatura de Angola, também surge a metáfora de uma época seca (*kixibu*), em que o cereal (*masangu*) *baloiça esfomeado*. Focalizando o clã de *Ngombe*, denuncia a miséria entre os povos pastores de Angola, vítimas das guerras que devastaram o interior do país. Em versos que mesclam o português com palavras das línguas de etnias angolanas, chama atenção para o vácuo, embora ressem como esperança o sonho e a chuva:

o vácuo embebido
no sonho d'aurora
nomes marcados com a cor da chuva
neste clã, oh! Ngombe
masangu baloiça esfomeado
no mel do pote há kasumuna (...)¹⁷

Adriano Botelho de Vasconcelos, em *Abismos de silêncio*, defende o valor da palavra poética, demonstrando como esta é fundamental para a reconstrução de Angola. Segundo ele, ao término das guerras civis, haverá “um lugar à passagem da lua / que virá fecundar o valor da palavra”.¹⁸

Não poderíamos deixar de lembrar nomes de alguns poetas mais velhos que – embora não pertençam à poesia angolana pós-1980, pois iniciaram suas trajetórias poéticas em gerações anteriores, sendo destas representantes – continuaram escrevendo, abertos às transformações estéticas dos últimos tempos. É o caso, por exemplo, de Costa Andrade, Jorge Macedo, entre outros.

Concluindo, procuramos sintetizar os principais temas e procedimentos estéticos recorrentes na produção poética angolana dos anos de 1980, 1990 e 2000. Segundo Francisco Soares, uma grande heterogeneidade de estilos e formas assinala a poesia dessas três décadas em Angola. Há, contudo, alguns eixos recorrentes: a valorização da palavra poética, o afastamento da poesia militante que girava em torno das certezas revolucionárias, o advento das incertezas, o tema do amor e do erotismo, a fragmentação da lingua-

¹⁷ BELLA, John, 2000, p. 36.

¹⁸ VASCONCELOS, Adriano B., 1996, p. 40.

gem, a flutuação entre uma disposição versificada e prosaica, o trabalho exacerbado com a metapoesia. Quanto às diferenças, constatamos que uns trabalham mais as metáforas harmoniosas e o ritmo cadenciado, outros operam com dissonâncias e alegorias, chegando até, em determinadas ocasiões, a um certo ecletismo de linguagem. Alguns fazem poesia concreta, usando experimentalismos formais, como é o caso de Frederico Ningi. Outros recriam as matrizes ancestrais das culturas e línguas africanas. Mais recentemente há os que fazem poesia visual produzida em computador entre os quais, por exemplo, o poeta Zé Coimbra. Ainda é Francisco Soares quem chama atenção para as seguintes distinções:

Há que distinguir os poetas revelados mais recentemente e os que viram suas obras publicadas ainda nos anos 1980. (...) Para citar apenas um dos traços em que os dois movimentos divergem, basta falar no tom interveniente que é superado (mas não ignorado) no primeiro pólo e que ressurge no segundo.¹⁹

Esse tom interveniente da poesia mais recente não apresenta, entretanto, as mesmas características da militância ideológica dos anos 1960. Caracteriza-se por uma denúncia corrosiva e desarmônica em relação aos problemas circundantes. Alguns dos poetas mais jovens demonstram também, por vezes, a tentação do discursivo, da qual os poetas dos anos 1980 se afastavam, pois suas opções, de um modo geral, eram pela elaboração poética mais contida. Apesar dessas diferenças, há na produção poética dos últimos anos uma grande influência de poetas consagrados do primeiro momento, tais como João Maimona e José Luís Mendonça. Observamos, assim, que, embora convivendo com significativas rupturas, há, ao longo do sistema poético angolano, persistências que evidenciam a recorrência de certos temas e procedimentos literários, tais como o sonho, o amor e a metapoesia, respectivamente.

Não há, ainda, como fecharmos uma sistematização completa das características formais da poesia angolana mais jovem (das décadas de 1990 e 2000). Diante da imensa diversidade e dispersão de estilos e tendências, será necessário esperarmos algum tempo pa-

¹⁹ SOARES, F. 2001, p. 10.

ra que possamos ter um maior afastamento crítico, capaz de uma avaliação mais madura.

Para encerrarmos, elegemos versos de João Tala, jovem poeta que estreou na literatura em 1997, tendo pertencido à Brigada Jovem de Literatura do Huambo. Seu livro *A vitória é uma ilusão de filósofos e de loucos*, Prêmio Poesia / 2005 da União dos Escritores Angolanos, revela, de modo contundente, algumas das principais inquietações das “novíssimas” gerações da poesia angolana. A alegoria dos “tambores de uma pátria entrincheirada”,²⁰ que abre o primeiro poema, explode no último poema do livro: “no tambor de raiva, na dolorosa lágrima, no tempo de colher a cinza”.²¹ Refletindo filosoficamente sobre a guerra e a vitória, sobre a paz e as ruínas do país destroçado em diversas regiões, o sujeito poético canta “a fadiga e os buracos do sonho”,²² numa linguagem de alta condensação estética:

(vivo. luto pelo que exprimo. sobejam princípios.
sangrando germino. não lutando me devoro.
esperar é demolir a expressão. calar-me é
inaceitável. o vazio. buraco no sonho. um saco.)²³

Claramente depreendemos da voz do eu-poético o imperativo de uma outra forma de germinação de sonhos. Apesar das feridas ainda abertas, há a urgência de novamente lavrar a terra e a poesia:

Novamente em lavoura
recolho da época devastada agora uma aura
cheguei dos rumores para o paraíso húmido
o meu catecismo é a bruma onde a língua
explode de paixões
cheguei, homem da festa, carrego orvalhos
onde findaram as explosões.²⁴

²⁰ TALA, 2005, p.11.

²¹ TALA, 2005, p.61.

²² TALA, 2005, p. 21.

²³ TALA, 2005, p. 21.

A par da memória dos muitos anos de explorações e sangrentas lutas, no quadro atual da literatura angolana, depreendemos que a poesia se mantém como força geradora de sonhos, “mesmo que estes se encontrem fissurados”, conforme advertiu Ana Paula Tavares em uma de suas crônicas de *O sangue da buganvíbia*. Mesmo o sonho da liberdade – apesar de se ter tornado um projeto interrompido e adiado, em virtude da intensa destruição provocada pelas guerrilhas no pós-Independência –, ainda ecoa, embora pelo avesso, transformado em pesadelo e dúvida, ou em outras maneiras de sonhar que têm a lúcida dimensão de quão precárias e deslizantes são, hoje, com o avanço do capitalismo neoliberal, as novas possibilidades de formações utópicas.

²⁴ TALA, João, 2005, p. 20.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Rui. *O amor civil*. Luanda: União Cooperativa Editora, 1991. (Colecção Lava & Oficina, 92).

BARBEITOS, Arlindo. *Angola, angolê, angolema*. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

_____. *Nzoji (sonhos)*. Lisboa: Sá da Costa, 1979.

_____. *Fiapos de sonho*. Lisboa: Vega, 1992.

BELLA, John. *Panelas cozinharam madrugadas*. Luanda: Ponto Um, 2000. Edição Comemorativa dos 25 Anos da Independência.

_____. (coord.). *Geografia mágica da Kianda*: antologia poética. Luanda: Brigada Jovem de Literatura de Angola, 2004.

CARVALHO, Ruy Duarte. *A decisão da idade*. Lisboa: Sá da Costa, 1976.

CRISTÓVÃO, Conceição. *Amores elípticos*: entre o amor e a transparência. Luanda: Edição do Autor, 1996.

CRUZ, Elis. *Deserto de emoções*: 25 + 1 poema. Luanda: Chá de Caxinde, 2002.

DALOMBA, Amélia. *Espigas do Sahel*. Luanda: Kilombelombe, 2004.

EVERDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Lisboa: Edições 70, 1979.

FEIJÓ, Lopito (org., sel. e notas). *No caminho doloroso das coisas*: antologia de jovens poetas angolanos. Luanda: UEA, 1988.

_____. *Meditando*: textos de reflexão geral. Luanda: Maboque, 1994.

FERNANDES, Maria Celestina. *O meu canto*. Luanda: UEA, 2004.

FERREIRA, Carlos. *Quase exílio*. Luanda: INIC, 2003.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *No reino de Caliban*. Lisboa: Seara Nova, 1976. v. 2.

FONSECA, Maria Nazareth. *Afrodições*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. CD dos Anais do VI Congresso dos Lusitanistas.

GIOVETH, Mena; SANTOS, Seomara. *Nuvem passageira*. Luanda: UEA, 2005.

GONÇALVES, António. *Buscando o homem*: antologia poética. Luanda: Kilombelombe, 2000.

KAFUKENO, Fernando. *Boneca do Bé-Ó*. Luanda: Edição do Autor, 1993.

_____. *...na máscara do litoral*. Luanda: Delegação Provincial de Luanda da Cultura, 1997.

_____. *sobre o grafite da cera*. Luanda: Kilombelombe, 2000.

KAJIMBANGA, Víctor. *A alma sociológica na ensaística de Mário Pinto de Andrade*. Luanda: Instituto Nacional das Indústrias Culturais, 2000.

KANDJIMBO, Luís. Breve panorâmica das recentes tendências da poesia angolana. *Austral*, n. 22, p. 27, 1997. Revista de Bordo da TAAG

_____. *Apologia de Kalitangi*. Luanda: INALD, 1997.

LABAN, Michel. *Angola*: encontro com escritores. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1991. 2 v.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998.

MACEDO, Jorge. *Literatura angolana e texto literário*. Rio Tinto: União dos Escritores Angolanos, 1989.

_____. *Poéticas na literatura angolana*. Luanda: INALD, s.d.

MAIMONA, João. *As abelhas do dia*. Luanda: UEA, 1990.

_____. *Idade das palavras*. Luanda: INALD, 1997.

MANUEL, Ricardo. *Bruxedos de amor*: poesias eróticas. Luanda: Kilombelombe, 1998.

MATA, Inocência. *Literatura angolana*: silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.

MELO, João. *Tanto amor*. Luanda: UEA, 1989.

_____. *O Caçador de nuvens*. Luanda: UEA, 1993.

MENDONÇA, José Luís. *Quero acordar a alba*. Luanda: INALD, 1997.

MESTRE, David. Voz off. In: _____. *Subscrito a giz: 60 poemas escolhidos (1972-1994)*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996.

_____. *Nem tudo é poesia*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989.

MIXINGE, Adriano. Prefácio. In: KAFUKENO, Fernando ...na máscara do litoral. Luanda: Delegação Provincial de Luanda da Cultura, 1997. p. 11-6.

NETO, AKIZ (coord.). *O sabor pegadiço das impressões labiais*. Huíla: Brigada Jovem de Literatura de Angola, 2003.

PANGUILA, António. *O vento do parto*. Luanda: s.ed., 1993.

_____. *Amor mendigo*. Luanda: Governo Provincial de Luanda, 1997.

QUEIROZ, Carla. *Os botões pequenos sonham com o mel*. Luanda: INIC, 2001.

RUI, Manuel. *Cinco vezes onze: poemas em novembro*. Lisboa: Edições 70, 1985.

SANTANA, Ana de. *Sabores, odores & sonhos*. Luanda: UEA, 1985.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Antologia do mar na poesia africana do século XX*. Angola. Luanda: Kilombelombe, 2000.

_____. *A magia das letras africanas*. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora, 2003.

SOARES, Francisco. *Notícia da literatura angolana*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2001.

_____. (org.). *Antologia da nova poesia angolana (1985-2000)*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2001.

TALA, João. *O gasto da semente*. Luanda: INIC, 2000. (Colecção A Letra).

_____. *Lugar assim*. Luanda: UEA, 2004.

_____. *A vitória é uma ilusão de filósofos e de loucos*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2005.

TAVARES, Ana Paula. *O sangue da buganvília*. Praia; Mindelo: Embaixada de Portugal; Centro Cultural Português, 1998. p. 49.

_____. *Ritos de passagem*. Luanda: UEA, 1985.

_____. *O lago da lua*. Lisboa: Caminho, 1999.

VASCONCELOS, Adriano Botelho. *Abismos de silêncio*. Luanda: União dos Escritores Angolanos; ABV, 1996. 40 p.

